

NORBERT ELIAS POR ELE MESMO

BCH-UFC
PERIÓDICOS

Norbert Elias por ele mesmo

DE NORBERT ELIAS

Norbert Elias por Ele mesmo.
Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

POR LAÉCIO RICARDO DE AQUINO RODRIGUES*

* Jornalista e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC)

Pode a história de vida de um autor, seus dilemas e triunfos pessoais, constituir um termômetro indicativo da orientação de sua produção intelectual, a ponto de permitir analogias entre sua biografia e o conteúdo de seus livros? A colocação é delicada. Os entusiastas poderão alegar que uma compreensão da *visão de mundo* do pesquisador – de quem foi este homem, que valores professou e como se situou ante as questões centrais de seu tempo – é indispensável a um maior entendimento de sua obra. Cientistas sociais de índole positivista, por outro lado, tenderiam a refutar tal hipótese: um conhecimento produzido livre de juízo de valor não pode ser mensurado por questões ideológicas. E penso que ambos estão certos. Exemplifico.

Ninguém pode chegar ao extremo de afirmar que “Casa-Grande & Senzala”, obra seminal de Gilberto Freyre, é um livro autobiográfico, uma vez que, para redigi-la, o autor precisou se distanciar de suas raízes e aprimorar sua formação acadêmica no exterior (sobretudo nos Estados Unidos). No entanto, em vários trechos deste clássico, Freyre admite que, escrevê-lo, implicou um reencontro com a sua ascendência: remanescente da aristocracia açucareira pernambucana, suas recordações reverberam nas páginas do livro, num exercício de memória: “é um passado que se entende tocando em nervos; um passado que emenda com a vida de cada um; uma aventura de sensibilidade, não apenas um esforço de pesquisa pelos arquivos”, confessa, em trecho marcante

do prefácio¹ (*não à toa, Casa-Grande & Senzala é dedicado à memória de seus avós*).

Outro ilustre exemplo é o de Max Weber. Impossível reduzir a genialidade de sua obra a aspectos biográficos, ou

tentar explicá-la somente por sua história de vida, uma vez que sua ciência é legítima herdeira de vertentes diversas da intelectualidade alemã. Contudo, é difícil desconsiderar que a incompatibilidade entre a atividade científica e a prática política tão denunciada em seus textos não seja reflexo de um dilema pessoal: defensor da neutralidade axiológica das Ciências Sociais, Weber foi também um cidadão interessado em participar das decisões políticas de seu país – seu fracasso neste último empreendimento, aliás, pontua o pessimismo de alguns de seus ensaios. Também não é incoerente imaginar que parte do seu interesse pelo puritanismo possa derivar da influência materna (embora não professasse credo algum, Weber mantinha laços afetivos muito estreitos com a mãe, Helene Weber, mulher de austera formação protestante).

E por que retomo essa discussão tão controversa quanto apaixonante? Justamente porque ela se faz presente em *Norbert Elias por Ele Mesmo*, mais um título da série que a editora carioca Jorge Zahar vem dedicando à obra do sociólogo alemão. Dividido em três segmentos, o livro apresenta uma extensa e esclarecedora entrevista com o intelectual – quase noventa páginas –, cinco ensaios de natureza autobiográfica e uma breve cronologia. A leitura dos textos não deixa dúvidas: a figura que emerge desses relatos é o homem Elias, alemão de

Breslau (hoje a cidade polonesa de Wroclaw), um sobrevivente em duplo sentido: do patrulhamento nazista e do ostracismo acadêmico, ao qual esteve confinado até fins da década de 60, quando teve sua obra revista na Europa – à época, contava já com quase 70 anos. Mas é difícil não perceber que, às vezes, sua ciência se aproxima sensivelmente de sua trajetória biográfica, quase se tangenciam.

Elias viveu em Breslau até 1924, quando defende sua tese de filosofia e decide seguir para Heidelberg, a fim de aprofundar sua formação. Na entrevista, que data de 1984 (próximo à sua morte, em 1990, portanto), descreve sua cidade como “opulenta” e de grande movimentação cultural, localizada numa rica região agrícola. Inicialmente dispersas, as lembranças do sociólogo vicejam aos poucos. Filho único de uma abastada família judia – o pai era um empresário do ramo têxtil –, revela que o anti-semitismo parecia uma sombra pálida naquele início de século.²

Apesar do longo desprezo acadêmico, Elias explica a perseverança intelectual pela atenção e zelo familiar, uma dedicação capaz de lhe imprimir uma inabalável autoconfiança³. O processo de exclusão não lhe demovera do desejo de prosseguir no campo científico; tampouco recuava em suas colocações. “Ou triunfava, ou desaparecia. Não tinha certeza absoluta, naturalmente, mas não duvidava nem um pouco de que minha obra um dia seria reconhecida como contribuição de qualidade ao saber da humanidade” (p. 22).

Para atingir o Olimpo, no entanto, Elias desceu ao inferno várias vezes. A contragosto, foi recrutado para o exército alemão, durante a Primeira Guerra – em suas palavras, não esconde o desprezo pelo imperador e pelo conflito⁴. Teve experiências marcantes no *front*, embora não participasse diretamente das batalhas. Sua recordação mais notável é dos cânticos entoados pelos soldados, durante o deslocamento dos comboios, onde a intuição da morte está sempre presente, inspirando uma espécie de senti-

mento de derrota – “isso é muito alemão, muito alemão. Nenhum outro país, a não ser talvez a Polônia, tem uma consciência de si tão sinistra” (p. 32). Curioso que Elias, ainda jovem, já demonstrasse interesse em fontes pouco usuais como canções militares para decifrar o *habitus* de uma sociedade.

Os estudos em filosofia e medicina, desenvolvidos em Breslau, seriam importantes para ampliar a dimensão interdisciplinar de sua ciência social. A partir de 1925, instala-se em Heidelberg. A atmosfera intelectual da cidade logo o seduz – em suas palavras, Heidelberg era a “meca da Sociologia”, num contexto fortemente influenciado pela figura de Max Weber. A efervescência dos debates e a presença de acadêmicos como Alfred Weber (irmão de Max) e Karl Mannheim, de quem se tornaria um interlocutor assíduo, lhe despertam o interesse pela disciplina emergente.⁶

No final da década, dirige-se para Frankfurt com Mannheim, para continuar os estudos – a essa altura, sua sociologia já adquirira contornos peculiares: uma ciência a serviço da desmistificação de estereótipos e mitologias, deslocada de partidarismos e ideologias. “Posso então dizer que a minha convicção de que é preciso erguer o véu que oculta os conceitos remonta muito longe em meu passado” (p. 46). Remover a máscara, demolir representações ilusórias. É significativo, portanto, que o seu livro *O Que é Sociologia?* tenha um capítulo intitulado *o sociólogo como caçador de mitos*. No mesmo período, também desenvolve suas idéias sobre as redes de interdependência: “o indivíduo está ligado aos outros por um fenômeno de dependência recíproca”, conceito que seria plenamente desenvolvido em *A Sociedade de Corte*.

Ainda em Heidelberg, ouve falar dos nacional-socialistas; contudo, não sentia o movimento como ameaça. No depoimento, reconhece que a segurança familiar e a atmosfera intelectual da cidade prejudicaram suas intuições. Somente em Frankfurt presente os riscos do anti-semitismo.

Deixa então a Alemanha em 1933. Tem início o exílio e um período de enorme carestia, com os recursos familiares bloqueados pelo governo nazista (seus pais seriam vítimas do hitlerismo). Enfrentando privações diversas, escreveu seus primeiros livros na Inglaterra com a ajuda de um comitê de refugiados judeus – obras como *A Sociedade de Corte* e *O Processo Civilizador*, hoje celebradas, foram publicadas para audiências vazias, sem qualquer retorno.

Embora não o tenha exasperado, o reconhecimento tardio lhe exigiu demasiada paciência. A relação ambígua com seu país natal foi passada a limpo no volume *Os Alemães*, espécie de biografia daquela nação, onde Elias mapeia o *habitus* germânico e seu ímpeto militarista não para explicar as causas do nazismo, mas para revelar que os processos civilizadores não são unilineares – às vezes são atravessados por surtos de “descivilização” e irracionalidade. Pelo menos num sentido, seu desterro foi positivo: é provável que uma obra do porte de *Os Alemães* somente possa ter sido viabilizada em virtude do distanciamento de seu país e do seu passado.

Apesar do isolamento acadêmico, é notável que a disposição de Elias para o labor científico tenha se mantido forte e duradoura, despertando a atenção de seus admiradores e impondo-lhe uma longa existência (mais de 90 anos) sem descendentes: Elias não casou ou teve filhos. Indagado sobre a importância que o trabalho adquiriu em sua vida, recorre a seus argumentos teóricos: “Nunca acho que se possa dizer que determinada atividade seja resultado de uma opção pessoal”. A idéia subjacente da frase é a mesma já presente em *A Sociedade de Corte* e revisitada em *A Sociedade dos Indivíduos*: o homem não é absolutamente autônomo ou socialmente determinado em suas decisões (*os laços de interdependência aos quais se encontra vinculado revelam que em suas escolhas também pesam motivações sociais*).

Usando uma terminologia clássica de seu pensamento, Elias foi sempre um *outsider*.⁷ Um

judeu alemão lutando para se *estabelecer* no campo acadêmico, um sociólogo exilado em permanente esforço para não se deixar tragar pelo esquecimento, confiante na singularidade de seu pensamento. Difícil não considerar tais aspectos biográficos pertinentes numa discussão sobre sua produção teórica (o vínculo apontado aqui não é o de determinação, mas de cumplicidade). Aliás, Leopoldo Waizbort, na apresentação do *Dossiê Norbert Elias*⁸, reafirma este dialogismo: segundo ele, *sociólogo, judeu e alemão* são pontos de abordagem privilegiados para se compreender a trajetória pessoal, intelectual e institucional do autor e sua obra, suficientes, inclusive, para apontar o leque de formulações teóricas e o sentido de certas escolhas temáticas⁹.

O tom confessional e biográfico, portanto, não é a única virtude de *Norbert Elias por Ele mesmo*. Sobretudo, o livro se destaca por permitir esta saudável confrontação entre a trajetória pessoal do autor e sua produção teórica, servindo, pois, como texto introdutório às suas idéias científicas. Vai além: também possibilita ao leitor situar o sociólogo no contexto histórico de sua formação e desenvolvimento intelectual. Uma experiência fascinante, sem dúvida.

Notas

¹ FREYRE, Gilberto. (2000). *Casa-Grande & Senzala*. 39ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Record.

² Elias descreve poucos episódios de cunho anti-semita neste período de sua vida. Um é marcante: quando tinha entre 15 e 16 anos, durante uma discussão colegial, em meio à qual os alunos apresentavam seus projetos para o futuro, Elias manifestou o desejo de ser professor universitário, e foi interrompido por um colega, alegando que esta possibilidade lhe havia sido *vetada desde o nascimento*, observação ilustrativa do preconceito acadêmico contra os intelectuais judeus (p. 19).

³ “É por essa sensação de grande segurança que usufruí durante minha infância que explico minha perseverança, mais tarde, na época em que escrevia meus livros e ninguém prestava atenção em mim.

[...] Tenho uma intuição que me dá a segurança de que tudo irá bem, enfim, atribuo isso à enorme sensação de segurança que usufruí como filho único, graças ao amor de meus pais” (p. 22).

⁴ “Minha identificação com a Alemanha não se dava de forma alguma em termos militares; na época, eu não tinha nada a ver com isso. Mesmo como soldado, nunca fui nacionalista ou patriota – dirigia-me para a morte porque era obrigado” (p. 28).

⁵ Para o conceito de *habitus* em Elias, conferir os volumes *A Sociedade de Corte* e *Os Alemães*, publicados pela mesma editora.

⁶ Três dos ensaios presentes no livro discorrem sobre este período de reorientação intelectual de Elias – sua inclinação à sociologia – e sua aproximação com intelectuais como Karl Mannheim e Alfred Weber.

⁷ Para o conceito de *outsider*, conferir o volume *Os Estabelecidos e os Outsiders*, também publicado pela Zahar.

⁸ WAIZBORT, Leopoldo. (org.). (2001). *Dossiê Norbert Elias*. São Paulo, Edusp.

⁹ No quarto ensaio incluído no livro, Elias discorre sobre a sua condição simultânea de judeu e alemão.